

Manuel Pereira

Sobrinho

Everardo Ramos

Nasce em 8 de agosto de 1918, no distrito de Passagem, município de Patos, no sertão paraibano. Não se sabe quando e como se inicia na poesia popular, mas em 1948, está instalado em Campina Grande, onde funda sua própria editora de folhetos, a Casa Pereira. Em torno desta, associa-se a Manoel d'Almeida Filho e Francisco Sales Arede, formando uma aliança comercial que duraria até cerca de 1952.

A Casa Pereira continua funcionando, porém, até 1956. A vasta obra poética de Manoel Pereira Sobrinho pode ser dividida em duas categorias principais. A primeira, pouco extensa, corresponde aos folhetos políticos, em que ousa atacar figuras importantes da época, como o governador da Paraíba (*Dr. Promessa*) e o prefeito de Campina Grande (*Afirma o deputado Elpídio de Almeida, Desmascarando o mentiroso Plínio Lemos*). Nestes, utiliza uma linguagem particularmente violenta, que lhe rende inimizades e alguns problemas, como os dias passados na prisão, por ter insultado a polícia em *Dr. Promessa*.

A segunda categoria de folhetos, majoritária, corresponde aos chamados “romances”, em que Manoel Pereira transpõe muitas vezes, para a linguagem popular, obras eruditas consagradas nacional ou internacionalmente: *Os martírios de Jorge e Carolina* é uma versão d'*A viuvinha*, de José de Alencar, enquanto que *O castelo do homem sem alma* retoma o romance homônimo do escossês A. J. Cronin.

Por volta de 1959, Manoel Pereira muda-se para São Paulo, onde passa a trabalhar para a famosa **Editora Prelúdio**. Reescreve, então, vários sucessos da própria literatura de cordel brasileira, ajudando a editora a contornar o problema dos direitos autorais de clássicos como *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros, ou *Pedrinho e Julinha*, de José Camelo de Melo Rezende. Torna-se, com isso, alvo de severas críticas por parte dos poetas de cordel. Nos anos 1960, no entanto, Manoel Pereira Sobrinho desaparece sem deixar

rastro. Segundo depoimentos, teria deixado a poesia popular para ser pedreiro, antes de morrer, anonimamente, em 1995.

Referências

ALMEIDA, Átila de e SOBRINHO, J. Alves. *Poetas populares paraibanos*. Campina Grande: UFPB, 1984, p. 187-189 [mimeografado].

Entrevista com J. Fernandes Souza e Silva.